

A Igreja na América Latina e no Caribe prepara-se para a V Conferência Geral do seu episcopado. Trata-se de um dos principais acontecimentos da Igreja em nossas terras, e nele são depositadas muitas das esperanças dos nossos povos. Serão 250 bispos reunidos em Aparecida, de 13 a 31 de maio de 2007, de 22 conferências episcopais do Continente. Com eles estarão leigos e leigas, presbíteros, religiosos e religiosas, eleitos como representantes de cada país do continente e de cada realidade pastoral. Podemos afirmar que a totalidade da Igreja da América Latina e do Caribe estará presente em Aparecida. A presença do papa Bento XVI quer ser um gesto de confirmação da relevância desse fato para os cristãos católicos do Continente. É um período de expectativas, de reflexão e oração, de avaliação e de reprojeção. Um tempo de graça. Reunidos no Espírito Santo, espera-se que os bispos nos ajudem a perceber os desafios e as possibilidades para a fé e a vida dos nossos povos.

A Conferência é um fato teológico, busca “perscrutar os sinais dos tempos” a fim de discernir os caminhos pelos quais Deus percorre na história do Continente e responder aos seus apelos. É um acontecimento espiritual, uma verdadeira experiência do Pentecostes que fecunda teológica e pastoralmente a Igreja, sustentando criativamente a fé e a vida do povo de Deus. É um fato eclesial, coloca a Igreja num movimento comunitário de compreensão do seu ser e agir. Tem repercussões sociais, faz com que a Igreja e os cristãos percebam a sociedade latino-americana e caribenha como o espaço da sua presença e ação, o lugar da evangelização e do acontecimento do Reino.

O documento de participação da Conferência de Aparecida é claro na sua proposta: quer fazer dos cristãos católicos Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida. Por isso apresenta Jesus como o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14,6). Nos cinco capítulos do Documento, aparecem os anseios por felicidade, verdade, fraternidade e paz; a chegada e a acolhida do evangelho nestas terras; o convite ao discipulado e à missionariedade de Jesus Cristo; a realidade da humanidade no terceiro milênio; a vida que se encontra em Jesus Cristo. A lógica do Documento é: partindo da constatação dos anseios humanos apresenta a revelação de Deus em Cristo como resposta. Daí surge o encontro com Cristo e seu Evangelho que nos faz, seus discípulos e ajuda a viver a missão “em meio às dores de parto de uma nova época”. Tal é o que garante a vida dos povos.

O Documento apresenta-se como proposta inacabada. Algo a ser estudado e enriquecido. Certamente, são muitas as contribuições enviadas



aos responsáveis pela realização de um “documento síntese” que irá para a Conferência. Contribuições de caráter metodológico, de conteúdo, de linguagem, de horizontes temáticos, etc. O que se espera é que tais contribuições enriqueçam, de fato, a compreensão de como viver o discipulado e a missão em nosso continente, favorecendo à realização das necessidades e dos anseios da vida dos povos no encontro com Jesus Cristo.

Para tanto, muitos são os desafios a serem enfrentados pelos bispos reunidos em Aparecida. Dentre outros: no campo sócio-econômico, os povos do continente não conseguiram superar a injustiça enraizada nos sistemas políticos e econômicos de todos os países. A carência de saúde, alimentação, moradia, trabalho, educação, etc., impera em meio a multidões. E o posicionamento das lideranças políticas são tímidas, na maioria das vezes omissas, na apresentação de propostas que superem a globalização do mercado pela globalização da justiça solidária. Politicamente, somos um continente totalmente dependente dos setores econômicos que colonizam os povos e que têm raiz em outras regiões do planeta. No campo religioso, a América Latina e o Caribe vivem a emergência do pluralismo de grupos religiosos, no interior do cristianismo e fora dele, que desafiam uma compreensão consensual do que vem a ser fé, religião, espiritualidade, igreja. No interior do catolicismo, posicionamentos diferenciados em relação à teologia, à espiritualidade, à ação pastoral, apontam para modos divergentes de compreensão da Igreja e da sua relação com a sociedade, dificultando a comunhão num projeto de evangelização capaz de atender às reais necessidades dos povos. No campo cultural, o ser latino-americano está caminhando para a idade adulta nos diversos campos do saber, sobretudo científico. Ao mesmo tempo, há uma revalorização da cultura popular, sobretudo dos povos indígenas e descendentes africanos. Mas isso acontece, com felizes exceções, de modo desvinculado com os princípios tradicionais da fé, e geralmente de forma simpática às propostas de uma cultura globalizada, em detrimento das culturas locais, e na adoção de valores voltados ao individualismo, ao secularismo, ao relativismo, ao hedonismo, ao subjetivismo.

Como a Conferência de Aparecida irá enfrentar esses e outros tantos desafios que se apresentam na pauta do dia em nossas Igrejas e na sociedade? Qual será o modo de olhar a realidade? Qual a linguagem na relação interna, com a sociedade, com as outras igrejas e religiões aqui presentes? Qual será o vigor profético das declarações, posicionamentos e opções a serem tomadas?

Aguardamos com expectativas e esperançosos as conclusões da Conferência. E expressamos essas expectativas e esperanças na aspiração por uma Igreja humana e humanizadora. Somente essa Igreja terá para com as pessoas simples, sobretudo as empobrecidas, sofredoras e excluídas, a atitude samaritana da atenção solidária. Tal foi o modo de a Igreja ser em Medellín, Puebla, Santo Domingo. É nesse contexto que se entende a validade de sempre



da “opção preferencial pelos pobres”, “pelos jovens”, e o vínculo entre evangelização e promoção humana. Uma Igreja humana e humanizadora no continente tem o rosto da nossa gente, o índio, o negro, o descendente de europeu, o árabe. Assume, enfim, todas as etnias e culturas. É a Igreja que tem fé nos nossos povos. E neles é que ela identifica os anseios dos quais fala o Documento de Participação, superando toda tendência à abstração na compreensão destes anseios e das respostas a eles oferecidas.

Uma Igreja humana, com o rosto da nossa gente, é uma Igreja comunhão. Aqui aparece a afirmação básica da Igreja, seu modelo, sua organização, sua estrutura, sua espiritualidade, sua relação com a sociedade. Impõem-se convergências e consensos. A Igreja comunhão exige, para além de doutrinas e instituições, opções comuns concretas: pelos pobres, pelos jovens, pela família, pela promoção humana. Ela faz-se necessária seja porque “comunhão” é a própria natureza da Igreja, seja porque sustenta a realização das opções numa “pastoral de conjunto”, em vista a uma “nova evangelização”.

Por isso a Conferência é um exercício do espírito de comunhão, de colegialidade e de corresponsabilidade. Tensões existentes nas concepções teológicas e pastorais podem obscurecer esse objetivo. Mas ele persiste como a meta da Conferência para a compreensão da Igreja, em sua organização e ação pastoral.

Uma Igreja humana, com rosto latino-americano e caribenho e de comunhão é o que se espera, no mínimo, da V Conferência Geral do Episcopado latino-americano e caribenho. A Conferência de Aparecida coloca-se, assim, na continuidade das conferências anteriores. E vive nos dias de hoje o espírito do Concílio Vaticano II, atualizando suas grandes intuições teológicas e eclesiológicas no horizonte da Igreja povo de Deus.

A revista *Encontros Teológicos* quer dar a sua contribuição para caminharmos rumo à Conferência de Aparecida, confiantes de que será um acontecimento conduzido pelo Espírito Santo. Queremos ajudar nossos leitores a prepararem-se para, de algum modo, participarem também eles desta Conferência. **Agenor Brighenti** apresenta “Algumas coordenadas teológicas em torno ao discipulado e à missão na América Latina Hoje”; **Costanzo Donegana** mostra “A missão nas conferências gerais do episcopado latino-americano”; **Vitor Feller** trata da “Antropologia cristã no magistério episcopal latino-americano”; **Elias Wolff** e **Célio Ribeiro** apresentam “O caminho da Igreja: de Medellín a Aparecida”; **Ir. Nery fsc** reflete sobre “A catequese e as conferências do episcopado da América Latina e do Caribe”; **Dom Manoel João Francisco** traça a relação entre a liturgia e a missionariedade; **Gilberto Tomazzi** trata da “‘Missão’ jovem, abrindo caminhos de esperança”; **Faustino Teixeira** mostra “O episcopado latino-americano diante do diálogo inter-religioso”; **Domingos Volney Nandi** reflete sobre “A Palavra que faz a Igreja – Aspectos da comunicação nos documentos do CELAM”. A presente edição



traz, ainda uma *recensão* de **Edenilso Borille** sobre o livro de Elias Wolff, *Ministros do Diálogo – O diálogo Ecumênico e Inter-religioso na formação presbiteral, Paulus, 2004 e Crônicas*.

Juntos, unimo-nos no espírito da Conferência de Aparecida que, movida pelo Espírito de Cristo, possibilitará à Igreja na América Latina e no Caribe cumprir o seu mandato missionário a favor da vida dos nossos povos.

Elias Wolff